



## CONSTRUINDO SABERES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE SOB A PERSPECTIVA DECOLONIAL

Yasmin Oliveira Santos <sup>1</sup>

Joanilson Sousa de Jesus <sup>2</sup>

Anízia Conceição Cabral de Assunção Oliveira <sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo reflete sobre a função social da escola a partir da perspectiva de Carvalho e Farias (2024), compreendendo-a como um espaço de construção de identidades, exercício da cidadania e valorização da diversidade humana. Com base na experiência advinda do desenvolvimento das atividades do componente de Estágio Supervisionado em Geografia III analisa-se a potencialidade de uma abordagem pedagógica decolonial, que rompe com visões hegemônicas partindo do saber do sujeito e dialogando com o território. A prática docente, desenvolvida nas etapas de observação, coparticipação e regência, evidenciou o impacto de metodologias ativas e conteúdos que valorizam as comunidades tradicionais, as cosmovisões indígenas e os biomas brasileiros contextualizando com as comunidades tradicionais que ocupam esses espaços como expressões de resistência. Os resultados indicam que os estudantes se mostraram abertos à reflexão, ao debate crítico e à valorização das identidades culturais, o que reforça o papel do professor como agente mediador de transformações sociais. Conclui-se que a Pedagogia Decolonial no ensino da Geografia contribui para uma educação mais justa e comprometida com a realidade dos sujeitos por uma Geografia Crítica e plural.

**Palavras-chave:** Geografia, Comunidades Tradicionais, Povos Indígenas, Pedagogia Decolonial.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, Campus Salvador. Bacharela em Urbanismo na Universidade Estadual da Bahia - UNEB, yasminana@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor Coordenador. Mestrando pela Universidade Estadual da Bahia - UNEB. Licenciado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Professor de Geografia no Colégio Estadual Manoel de Jesus, joanjgeoufba@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora Orientadora. Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe. Professora do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, Campus Salvador. aniziacaoliveira@gmail.com.





Este trabalho é fruto das atividades desenvolvidas no componente de Estágio Supervisionado em Geografia III da Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, Campus Salvador, realizadas entre maio a

julho de 2025 em turmas de ensino médio de instituição de ensino da rede estadual. O objetivo do texto é refletir sobre a prática pedagógica vivenciada no referido Estágio, com ênfase na experimentação realizada envolvendo a construção de uma abordagem voltada a explorar o respeito aos saberes tradicionais, a visibilidade das minorias étnicas e culturais e a formação de sujeitos críticos e conscientes. A perspectiva de trabalho alinhou-se às contribuições de Carvalho e Farias (2024), ao defenderem, a partir da Pedagogia Decolonial, a importância de dar voz àqueles que foram historicamente silenciados nos processos de ensino-aprendizagem e na produção do conhecimento.

As atividades de observação, coparticipação e regência desenvolvidas nas turmas de ensino médio contemplaram registros e análises advindos da observação do perfil das turmas; planejamento das ações envolvendo estudo, pesquisa, seleção e elaboração de materiais para o tratamento dos conteúdos alvos das regências; desenvolvimento de atividades colaborativas em sala de aula como etapa preparatória para a fase de regência; bem como a efetiva experiência de condução das aulas, vivenciada a partir das experimentações das ações planejadas que, ao articularem os conhecimentos específicos da área de atuação e os de cunho didático-pedagógico, visaram promover processos de reflexão sobre a prática.

Como parte do processo formativo, foi elaborada sequência de ensino com foco num tratamento teórico e metodológico do conteúdo biomas brasileiros que valorizasse as comunidades tradicionais e os povos indígenas, buscando, por meio do ensino de Geografia, dar visibilidade a essas populações historicamente marginalizadas. O conteúdo abordou os biomas e a relação com as comunidades tradicionais, promovendo uma perspectiva decolonial e crítica na Geografia Escolar.

Este trabalho se justifica pela premissa de envolver o comprometimento com uma postura pedagógica que se ampara na promoção da diversidade sociocultural e da justiça social, entendendo a educação como um espaço de resistência e transformação.

A estrutura deste texto está organizada em diferentes momentos: inicialmente, a introdução apresenta as intenções e os objetivos do trabalho; em seguida, consta a





metodologia utilizada nesta pesquisa; posteriormente é desenvolvido tópico teórico contemplando discussões sobre as preocupações do texto por meio da utilização de alguns dos referenciais utilizados; por fim, são apresentados os resultados e as considerações finais sobre o percurso formativo vivenciado.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa qualitativa, especificamente na modalidade de relato de experiência docente que enfatiza a descrição e a análise reflexiva de uma prática pedagógica. O foco do estudo não está na quantificação de dados, mas sim na compreensão aprofundada do processo de ensino-aprendizagem, da construção de identidades e do impacto de uma prática decolonial no ambiente escolar, conforme evidenciado pela abertura dos estudantes ao debate crítico e à valorização cultural.

O desenvolvimento metodológico do artigo é intrinsecamente ligado à experiência de Estágio Supervisionado em Geografia e suas etapas bem definidas: observação, coparticipação e regência. Dentro dessa estrutura de relato de experiência, serão relatados os procedimentos práticos que se alinham à abordagem qualitativa e decolonial, como o uso de metodologias ativas e a valorização do saber do sujeito em diálogo com o território. A coleta e a análise de dados foram construídas a partir dos registros da prática e da reflexão sobre o impacto das intervenções que valorizaram comunidades tradicionais e cosmovisões indígenas.

Por fim, é crucial destacar que a Perspectiva Decolonial funciona como o referencial teórico-epistemológico que orienta toda a metodologia. Ela não é apenas um tema de conteúdo, mas a lente através da qual a experiência é vivida, registrada e analisada. A metodologia decolonial exige a ruptura com visões hegemônicas e o compromisso ético de valorizar saberes e vozes marginalizadas, o que, no contexto do artigo, se traduz na busca por uma Geografia Crítica e plural que contribua para uma educação mais justa e comprometida com a realidade dos sujeitos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A Educação vem sendo instrumentalizada como uma ferramenta de reprodução de narrativas hegemônicas e silenciamento de saberes locais, tradicionais e originários. Diante desse cenário, autores como Carvalho e Farias (2024) defendem a urgência de uma educação pautada na decolonialidade, capaz de confrontar as heranças da colonialidade e de contribuir para a superação de suas consequências ainda presentes no cotidiano escolar. Tais autores discutem criticamente o projeto colonial-capitalista imposto ao Sul Global, em especial ao





Brasil e à América Latina, a partir do século XV, destacando o papel ideológico da educação estatal na consolidação da cosmovisão eurocêntrica do colonizador.

Neste contexto, o ensino de Geografia precisa assumir uma postura crítica e engajada, rompendo com abordagens neutras e descontextualizadas. Uma prática docente comprometida com a formação cidadã deve fomentar o desenvolvimento de um raciocínio geográfico decolonial, que considere as realidades concretas dos territórios e valorize os saberes produzidos por comunidades historicamente marginalizadas (Carvalho e Farias, 2024). Assim, a Geografia Escolar deve ir além da simples descrição do espaço, pautando-se na importância de perseguir os princípios e métodos voltados à reflexão crítica sobre como ocorrem e quais as consequências dos processos de produção e reprodução desigual do espaço geográfico, assumindo uma função contra-hegemônica, voltada para a transformação social e emancipação dos sujeitos. Segundo Carvalho e Farias (2024, p. 18): “[...] a negação da Geografia da Educação e da Escola ou, pelo menos, uma tentativa implícita de mascará-la, ganha contornos mais terríveis quando pensamos no processo de formação socioespacial brasileiro, profundamente marcado por desigualdades”.

No contexto latino-americano, essas desigualdades assumem formas particulares de miséria e exclusão, resultantes de processos históricos de exploração e violência. Como evidenciam os autores, o desenvolvimento das potências capitalistas globais se deu à custa da escravização de povos africanos, do genocídio dos povos indígenas, do epistemicídio, da extração intensiva de recursos naturais e da subalternização espacial no sistema internacional de divisão do trabalho. Todos esses processos contribuíram para consolidar estruturas de poder que ainda hoje impactam a organização do espaço e das relações sociais.

Essa crítica dialoga com a proposta de Aníbal Quijano (2005), que conceitua a colonialidade do poder como um padrão de dominação global que persiste mesmo após o fim do colonialismo formal. Para Quijano (2005), as hierarquias raciais, epistêmicas e econômicas impostas durante a colonização foram naturalizadas e permanecem estruturando a sociedade e o conhecimento. Assim, pensar uma educação decolonial é também lutar contra o epistemicídio, o apagamento sistemático de saberes não ocidentais, e propor novas formas de ensinar e aprender com base em outras racionalidades.

Nesse sentido, a pensadora Gloria Anzaldúa (1987) contribui com o conceito de "fronteira", entendido como espaço de encontros e conflitos entre culturas, línguas e identidades. Na perspectiva de Anzaldúa (1987), o conhecimento não é neutro e nasce da experiência situada dos sujeitos, sobretudo daqueles que vivem nas margens do sistema. Esse





olhar é essencial para pensar uma Geografia que valorize os saberes das comunidades tradicionais e indígenas, inserindo-os de forma significativa nos currículos escolares.

Por sua vez, Paulo Freire (1996), ao propor uma educação libertadora, defende a construção do conhecimento a partir da realidade concreta dos educandos. Sua pedagogia do oprimido baseia-se no diálogo, na escuta ativa e na problematização crítica do mundo. Para Freire (1996, p. 47), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Essa abordagem fortalece a ideia de uma educação contra-hegemônica, voltada à autonomia dos sujeitos e à transformação social.

Diante disso, reafirma-se a necessidade de uma Geografia Escolar que não apenas adote uma perspectiva decolonial, mas que se coloque ativamente como uma prática educativa contra-hegemônica. A educação precisa ser libertadora, capaz de promover a autonomia dos sujeitos e fomentar a construção de um pensamento crítico que contribua para as transformações sociais necessárias à superação das desigualdades históricas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de estágio, foi possível construir uma compreensão aprofundada do perfil das turmas acompanhadas, realizar um planejamento atento às características das turmas observadas e desenvolver a experimentação das ações com base na definição de abordagens amparadas no uso de metodologias e recursos diversos.

Na fase de observação, o estágio se iniciou a partir do diálogo com o professor supervisor, na qual ele apresentou as turmas, os principais desafios enfrentados no cotidiano escolar e os objetivos do planejamento pedagógico. Nesse primeiro contato, foi observado a aplicação de uma avaliação na turma de fluxo 2, marcada por um contexto adverso, pois um dos ônibus escolares havia sido assaltado e, simultaneamente, ocorria um evento externo, o que gerou certo nível de agitação entre os estudantes. Esse episódio revelou desde o início a influência de fatores externos sobre a rotina escolar e a necessidade de empatia e flexibilidade no trato com os alunos.

Nos encontros seguintes, ocorreu a oportunidade de conhecer todas as turmas atendidas pelo professor, e, a partir do diálogo, foi definido que o estágio ocorreria na turma de Fluxo 2B e também na turma da 2ª série do Ensino Médio.

Os diálogos na sala dos professores, desde o primeiro momento, foram cruciais para contribuir com o conhecimento das características das turmas, seus interesses e necessidades. Também foram importantes as discussões realizadas nos momentos de preparação para a







prática, tanto na escola junto ao professor supervisor, quanto no IFBA com a turma e professora responsável pelo Estágio, visando tratar da perspectiva decolonial na Geografia Escolar, bem como sobre a importância do cumprimento da Lei nº 11.645/2008 que é um marco fundamental para a promoção da equidade racial e da valorização da diversidade cultural no ambiente escolar brasileiro. Foi a partir destes diálogos que nasce a construção de aulas pautadas numa Pedagogia Decolonial e contra-hegemônica.

Com o planejamento das aulas, foram definidas estratégias metodológicas atentas à persecução da abordagem decolonial que objetivou a contextualização crítica dos conteúdos, favorecendo a apropriação pelos estudantes de conhecimentos sobre as cosmovisões e saberes tradicionais, bem como a valorização da diversidade e das identidades culturais.

Estão apresentadas, a seguir, as estratégias metodológicas desenvolvidas, os principais recursos utilizados, seus objetivos e a reação dos estudantes (Quadro 01).

**QUADRO 01 - SÍNTESE DAS AÇÕES REALIZADAS**

Estratégias metodológicas	Recursos utilizados	Reação dos alunos
Diálogo e escuta ativa, visando incentivar a participação dos estudantes.	Uso da lousa	Estudantes demonstraram interesse e participaram de todos os momentos da aula.
Diálogo e escuta ativa, objetivando possibilitar a apropriação pelos estudantes de conhecimentos sobre as cosmovisões e saberes tradicionais	Uso do Atlas Indígena	Percebeu-se elevado interesse nas duas turmas.
Perguntação e Problemática visando a construção coletiva mediante o trabalho de articulação de conceitos.	Mapa conceitual	Percebeu-se engajamento e criatividade nas duas turmas.
Recapitulação e síntese de conteúdos, com o objetivo de verificação de compreensão e otimização do tempo de aula	Uso de Quadro-resumo	Percebeu-se elevado interesse
Jogo no Kahoot para possibilitar o reforço do conteúdo	Uso do celular	Elevado interesse, uso positivo do celular em aula.

Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é proposto o estudo das comunidades tradicionais por meio da análise de seus modos de vida, saberes e formas de organização territorial, valorizando a diversidade étnico-cultural. As habilidades “EM13CHS101” e “EM13CHS403” incentivam a compreensão da relação desses grupos,



como indígenas, quilombolas e ribeirinhos, com a natureza, destacando sua importância na conservação ambiental e no uso sustentável dos recursos. Esses conteúdos permitem refletir sobre conflitos territoriais, identidade cultural e práticas sustentáveis, promovendo uma educação voltada aos direitos humanos, à diversidade e à justiça socioambiental.

Na fase de coparticipação, os encontros foram pautados por dinâmicas dialógicas e pelo uso de recursos como o “Atlas Indígena - O ato de ressignificar é um ato de resistência”, o que proporcionou reflexões a partir das cosmovisões indígenas e das múltiplas formas de compreender o território e a escala do universo.

A turma de fluxo 2 demonstrou certa apatia inicial, sendo notável uma participação mais ativa dos meninos. Com o tempo, os alunos foram se sentindo mais acolhidos e valorizados, o que contribuiu para um envolvimento crescente.

Enquanto que a 2ª série do Ensino Médio respondeu desde o início de forma calorosa e engajada, trazendo questionamentos e compartilhando experiências pessoais, o que enriqueceu significativamente as discussões. Destacamos um momento marcante em que uma aluna de religião de matriz africana se sentiu acolhida ao perceber que sua cosmovisão era respeitada e integrada à aula. Esse reconhecimento impactou positivamente seu sentimento de pertencimento no ambiente escolar.

O Atlas Indígena foi recurso de autoria própria elaborado na ocasião do cumprimento do componente Metodologia e Prática do Ensino da Geografia II, sob a orientação da professora Aurelielza Nascimento Santos (vide Figura 01). A incorporação do Atlas no planejamento das ações do Estágio foi importante para dar visibilidade às informações georreferenciadas a partir da visão indígena.

**FIGURA 01: ATLAS INDÍGENA**



Fonte: Santos, 2024.





Na fase de regência, os encontros revelaram avanços importantes no processo de aprendizagem e de envolvimento das turmas. Na primeira regência, foi observado que, apesar da dificuldade inicial de recordar conteúdos anteriores, a turma de fluxo 2 respondeu de forma surpreendentemente participativa ao longo da aula, revelando-se uma turma tímida, porém capaz de se engajar quando acolhida.

A 2ª série do Ensino Médio, apesar de estar em clima de ensaios para a festa junina, também respondeu positivamente, embora fosse necessário reforçar a ideia de que o espaço da aula é um espaço de construção coletiva, e não apenas de acertos.

Em uma das aulas subsequentes, foi um desafio ministrar as aulas durante a reforma que ocorria no colégio, o que trouxe bastante ruído e dispersão. Ainda assim, com paciência e adaptação, foi possível conseguir o engajamento da turma de Fluxo 2B com a proposta da construção de um mapa conceitual.

Os alunos se envolveram na atividade de forma espontânea e criativa, inclusive elogiando o formato lúdico da aula. Já a turma da 2ª série mostrou-se bastante concentrada e rapidamente compreendeu a dinâmica, sugerindo interligações entre os conceitos com desenvoltura.

Na aula sobre os biomas brasileiros, foi percebido um certo desânimo inicial dos alunos, por se tratar de um conteúdo que exige maior capacidade de abstração. No entanto, a utilização do Atlas e uma abordagem decolonial sobre o tema possibilitaram uma ressignificação do conteúdo, promovendo um olhar mais crítico sobre a Geografia Física.

Por fim, na última regência, o uso de quadros-resumo, assim como a associação das cédulas com animais em extinção aos biomas e de um jogo no *Kahoot* proporcionou dinamismo à aula e despertou grande interesse dos alunos, sobretudo pelo uso do celular com finalidade pedagógica.

No decorrer das fases do estágio foi possível elaborar um quadro comparativo quanto ao perfil e participação dos estudantes, tanto da turma de Fluxo 2B, quanto da turma da 2ª série do ensino médio, conforme explicita o quadro 02 a seguir.





## QUADRO 02 - PERFIL E PARTICIPAÇÃO DAS TURMAS

Aspectos	Turma de Fluxo 2B	2ª série do ensino médio
Quantidade de alunos	10 estudantes.	28 estudantes.
Participação inicial	Tímida, apática, pouco engajada.	Participativa e curiosa desde o início.
Evolução ao longo das aulas	Foi crescente, ocorreu melhora com acolhimento e metodologias ativas.	Manteve alto nível de engajamento ao longo das aulas. Constante e crítica, com envolvimento intelectual e emocional.
Preferência	Turma valoriza atividades lúdicas e visuais, reage bem à afetividade.	Turma tem maturidade para debates, valoriza a diversidade.
Inclusão e valorização	Alunos se sentiram mais à vontade ao serem ouvidos.	Alunos compartilharam experiências pessoais e culturais.
Superação de dificuldades	Reagiram bem apesar da dispersão inicial e barulhos externos.	Demonstraram foco mesmo com festas e eventos paralelos.
Interação	Incentivavam uns aos outros com brincadeiras e palmas.	Contribuíram coletivamente com ideias e interligações.
Interesse pelo conteúdo	Aumentou com estímulos visuais e práticos.	Mantido mesmo em temas mais abstratos, com mediação adequada.

Fonte: Santos, 2025.

O estágio revelou-se uma experiência profundamente enriquecedora, tanto do ponto de vista acadêmico quanto humano. Foi possível compreender a complexidade do ambiente escolar, respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem e perceber a importância de metodologias ativas e de um olhar sensível às realidades dos estudantes. O reconhecimento da diversidade, a escuta ativa e a valorização das identidades presentes em sala de aula mostraram-se fundamentais para a construção de práticas pedagógicas mais justas, significativas e transformadoras.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão de Carvalho e Farias (2024), compreende-se que a função social da escola vai além da transmissão de conhecimentos: ela é um espaço de construção de identidades, exercício da cidadania e valorização da humanidade em sua pluralidade. Essa perspectiva instiga a pensar sobre o papel da Geografia nesse processo, especialmente por meio de um raciocínio geográfico decolonial, que rompe com visões únicas e hegemônicas sobre o território, os sujeitos e o saber.

Durante o Estágio, esse compromisso esteve presente em cada etapa diante dos desafios concretos enfrentados pela comunidade escolar e delineados nesta pesquisa, incluindo episódios de violência urbana, a participação dos estudantes em eventos externos e a realidade de turmas com diferentes níveis de engajamento. Na fase de coparticipação, ao trabalhar temas como o Atlas Indígena e as cosmovisões de povos originários, foi possível perceber o quanto os estudantes, especialmente da 2ª série do Ensino Médio, se mostraram receptivos a discussões que valorizam as identidades culturais e confrontam preconceitos.

Na fase de regência, essas experiências se aprofundaram por meio de práticas pedagógicas que buscavam integrar conteúdos curriculares com metodologias ativas e reflexões críticas. As atividades com mapas conceituais, quadros-resumo e o uso do jogo Kahoot possibilitaram uma aprendizagem significativa, despertando o interesse tanto da turma de Fluxo 2 quanto da 2ª série do Ensino Médio, ainda que em ritmos distintos. Ao abordar temas como comunidades tradicionais e biomas a partir de uma perspectiva decolonial, os alunos puderam enxergar o território como espaço de vida, resistência e diversidade.

Desta forma, é possível reafirmar o compromisso que este trabalho assume desde o início deste percurso: construir-se como agente mediador de transformação no espaço escolar e no ensino da Geografia. A pedagogia decolonial, ancorada no respeito às diversidades e na crítica ao poder hegemônico, mostrou-se não apenas possível, mas necessária no cotidiano docente. Este estágio não foi apenas uma etapa formativa, mas uma experiência de escuta, diálogo e ação consciente em prol de uma educação geográfica mais justa, crítica e comprometida com a realidade dos sujeitos.





## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La Frontera: The New Mestiza**. 2. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.

BNCC GEOGRAFIA. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a base**. Disponível em: <<https://alex.pro.br/BNCC%20Geografia.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2025.

CARVALHO, J.; FARIAS, D. **A perspectiva decolonial da Geografia Escolar e a construção de conhecimentos na educação básica para a autonomia dos sujeitos escolares**. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 2024. São Paulo: ENPEG/USP, 2024. Disponível em: <https://www.enpeg2024.com/anais>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

SANTOS, Yasmin O.. **Atlas Indígena - O Ato de Ressignificar é um Ato de Resistência**. Disponível em: <<https://docs.google.com/presentation/d/1RkyoXVSHYZbnahPNm7vkmyD0W-V-BHFK/edit#slide=id.p1>>. Acesso em: 29 jul. 2025.

